



Crônica da sobrevivência da psicanálise em confinamento: em direção à formalização do parlêtre

Ricardo Rojas

Faz 2 anos tentava pensar, para o Encontro, sobre essas práticas que não se davam na simultaneidade de dois organismos humanos no mesmo espaço atmosférico, práticas que nesse momento se faziam no silêncio; o que as reduzia a um fazer sem formalização possível. Parecia uma heresia inconfessável, pecado venial no qual se caía a não ser em certas circunstâncias. Nesse momento, parecia-me importante refletir sobre a concepção de corpo incluído no parlêtre, para a psicanálise e em que esse tipo de prática afetava o andamento das curas.

Hoje, possivelmente saindo da pandemia, com as medidas de confinamento mais brandas e com a sensação subjetiva de que o tempo parou dois anos, estou novamente pensando a mesma coisa. Mas há uma diferença. Há dois anos existia um preconceito rondando minha cabeça. Não acreditava que seria possível fazer essas modificações do *setting*, ainda mais quando minha análise e parte de minha prática, dada a dificuldade da distância entre o lugar de moradia de analisante e analista, ocorreu com maratonas de sessões em um lapso curto, para preservar assim essa simultaneidade de organismos humanos, como condição necessária no desenrolar de uma análise. Meu analista o fazia, e eu também. Os analistas mais conhecidos de minha Escola, frente a demandas que surgiam em suas viagens internacionais, sugeriam, por exemplo: “venha a Paris continuar sua

análise”. Logo, uma análise por outros meios era impensável para alguns.

O confinamento como medida para diminuir a propagação da pandemia obrigou os psicanalistas a fechar seus consultórios e interromper os encontros em simultaneidade. Diria que houve várias respostas a essa situação:

Como sempre, o aparecimento dos ortodoxos que, aproveitando as roupagens da saúde mental, continuaram atendendo os pacientes e fazendo uso do juramento hipocrático para justificar os riscos de sua exposição.

Apareceram aqueles que justificavam a obrigatoriedade de assistir as “urgências”, dentre os quais alguns modificaram o *setting* para atender por outras vias e, devido ao prolongamento das medidas de confinamento, decidiram já não dar a ajuda pontual da “urgência”, e sim, para sustentar a transferência, como diziam, fazê-lo virtualmente; à espera de que o processo pudesse continuar quando as medidas sanitárias fossem suspensas que, esperavam, não durariam tanto.

Apareceram os pesquisadores empíricos que, aproveitando a ocasião que excluía uma das modalidades da cura, propunham pesquisar sobre a viabilidade desse tipo de atendimento, alegando que somente a partir dos atendimentos e de sua posterior exposição seria possível concluir sobre sua “efetividade”, mais além das circunstâncias geradas pela obrigatoriedade. Mas aí havia uma variável não considerada: como comprovar a efetividade em atores que não acreditavam no que estavam fazendo? Aqueles que realmente pensavam se tratar de algo que havia sido imposto, mas somente por um tempo, e que uma análise sem a simultaneidade de organismos era impossível. De saída, a pesquisa estava viciada e, ao final da obrigatoriedade, a constatação da felicidade nos reencontros permitiria concluir que é uma variável indispensável, apesar das tentativas de formalização empreendidas, que vieram abaixo sem mais, por uma emotiva preferência afetiva.

E, por último, os dispostos a continuar as análises apesar da não simultaneidade dos corpos e a tentar pensar o assunto de modo inverso. Algo como: se a “pandemia Lacan” não tivesse introduzido as mudanças no tempo e no uso do divã, não nos teria permitido pensar qual é o lugar do tempo das sessões na análise e que não é o uso do divã que faz uma análise. Ou seja, a não-simultaneidade dos organismos nos permite pensar os imaginários

com os quais essa situação acaba investida, os mitos construídos a partir de uma práxis aferrada a seu uso, e o que resta de real ante o furo de sua ausência. O que é o causal dessa simultaneidade de organismos para o desenrolar da cura? Começando por esclarecer que a causa em psicanálise não é a do modelo científico, como pretendiam os pesquisadores dos quais falamos antes, que terminam forcluindo o sujeito do inconsciente.

A mim, particularmente, essa ausência me fez entrar em contato com certos apontamentos do ensino de Lacan:

“(...) isto é apenas um efeito, essa espécie... de cheiro da verdade na análise: apenas um efeito do fato de que não utiliza outro meio que a palavra”¹. “A psicanálise é o reino da palavra, não há outro remédio. Freud explicou que o inconsciente não é tão profundo, e sim que é inacessível ao aprofundamento consciente. Dizia também que nesse inconsciente “fala”: um sujeito dentro do sujeito, transcendendo ao sujeito. A palavra é a grande força da psicanálise (...) É o caso da psicanálise. Seja qual for a função que possamos lhe atribuir, agente de cura, formação ou de sondagem, há somente um meio que utilizamos: a palavra do paciente. E toda palavra exige uma resposta”²

Pareceria que a palavra em relação ao dizer é o mais importante para o desenrolar de uma análise, isso sem esquecer suas relações com o gozo, quanto princípio fundamental. Lacan enfatiza esse ponto dando um lugar muito preciso à palavra: *“um artifício ligado ao fato de que há palavra e inclusive um dizer”³* “é que a análise chega por uma suposição, consegue desfazer pela palavra aquilo feito pela palavra”⁴. E em relação ao nó:

“Diferente da palavra que muito frequentemente desliza, deixa deslizar, e que nossa intervenção à vista daquilo que é pedido ao analisante fornecer, a saber, como se diz, tudo aquilo que lhe passa pela cabeça, o que nem por isso implica que isso não passe de blá-blá-blá, pois, por trás, justamente, está o inconsciente. E é o fato de haver o inconsciente que, já naquilo que ele diz, há coisas que fazem nó, em que há dizer, se especificamos o dizer como sendo aquilo que faz nó”⁵.

¹ Lacan J., *Seminário 21 Los no incautos yerran/Los-Nombres del Padre*, Sesión del 11-12-1973. Inédito.

² Lacan J., *Entrevista de Jacques Lacan con Emilia Granzotto para El Periódico Panorama* (en italiano), en Rome, el 21 de noviembre 1974.

³ Lacan J., *Seminário 25 El Momento de Concluir*, Sesión del 10-01-1978, Inédito.

⁴ Lacan J., *Seminário 25 El Momento de Concluir*, Sesión del 15-11-1977, Inédito.

⁵ Lacan J., *Seminário 22 RSI*, Sesión del 11-02-1975, Inédito.

Mas é preciso considerar duas coisas: *“Toda palavra não é um dizer, pois toda palavra seria um acontecimento, o que não é o caso, sem isso não falaríamos de palavras vazias!”*⁶ E *“é preciso dar um passo atrás para que seja interessante: o que Freud descobriu é que no mais mínimo ato de palavra está implicado um gozo”*⁷.

Muitas noções e conceitos nos fazem revisar este fato: o corpo, o *parlêtre*, o objeto “a”, o lugar do “*pré-verbal*” na cura, o que entendemos por “*presença do analista*” e por “*investimento libidinal*” etc, isto é, ver o que não funciona bem na teoria. Afirmações como as que vêm a seguir nos devem fazer pensar se seguimos ou não Lacan em seu último ensino:

*“Mas, precisamente, tratar-se-ia de saber o que a presença do analista tem a ver com a presença da verdade. Será fácil demonstrar que sua presença é estritamente proporcional ao déficit de sua teoria, o que recolocará as coisas quanto à utilidade da teoria: quando a teoria falha, resta somente dizer: presente! Aí já não se entende nada, mas estou firme no posto. Isso é precisamente o que faço: é na medida em que algo não vai bem na teoria que me vejo obrigado a fazer presença”*⁸

Creio que os argumentos de uma presença necessária balançam com esse comentário de Lacan. A possibilidade de pensar que a simultaneidade de corpos seria necessária para sabe-se lá qual “*investimento libidinal do objeto*” torna-se também insustentável se levarmos em conta que Lacan afirmou: “*A economia de que se trata é uma economia de palavras*”⁹. “*Dado que é ao progredir em um tecido de ambiguidades, metáforas, metonímias, que Freud evoca uma substância, um mito fluido que chama de libido*”. Quero concluir que neste tempo em que dois *parlêtres* se encontram na não simultaneidade de dois organismos no mesmo espaço atmosférico, minha certeza é de que o que aconteceu é um “*trabalho psicanalítico*” com todas as suas letras. Seria preciso

⁶ Lacan J., *Seminário 21 Los no incautos yerran/Los-Nombres del Padre*, Sesión del 18-12-1973. Inédito.

⁷ Lacan J., *El psicoanálisis en su referencia a la relación sexual*, Conferencia dada en el Museo de la Ciencia y de la técnica en Milán, el 3 de febrero de 1973. El texto bilingüe fue publicado en: Lacan en Italia 1953-1978. En *Italie Lacan*, Milán, La Salamandra, 1978, pp. 58-77.

⁸ Lacan J., «*Psicoanálisis y psicoterapia*», Intervención en el Congreso de Strasbourg de la Escuela Freudiana de Paris el 12 octubre 1968, publicado en *Lettres de L'école Freudienne* 1969 n° 6 pagina 42-48

⁹ Lacan J., Conferencia de Lacan en Londres, publicado en la Revista Argentina de Psicología, pp. 137-141, de una conferencia sostenida por Lacan en Londres, el 2 de febrero de 1975.

avançar mais em sua formalização, o que permitiria precisar outras noções e conceitos fundamentais da psicanálise e a maneira como os captamos e os colocamos em Ato, para que não nos reste somente dizer: *Presente!* Ao contrário, poder pensar a psicanálise é o único que garante sua sobrevivência.